

# Portefólios: uma luz na sombra da voz

João Pedro Aido

Neste texto vou referir as premissas que me levaram a utilizar, desde há dois anos, o portefólio como instrumento de avaliação e vou descrever algumas das características do trabalho entretanto desenvolvido, concluindo com uma síntese das vantagens e desvantagens dos portefólios e indicando ainda alguns cuidados a ter na sua implementação.

No ano lectivo de 2001/2002, a Escola Secundária Braamcamp Freire iniciou o projecto da Gestão Flexível do Currículo do Ensino Básico, com as três turmas do 7º ano. Esse trabalho decorreu das premissas e das conclusões do projecto educativo, em cujo preâmbulo se podia ler a seguinte intenção, sugerida por Gather Thurler, acerca da inovação que pretendíamos implementar na escola: uma inovação que exige um novo tipo de *liderança*, suficientemente *visionária* para não perder de vista os objectivos fundamentais a longo prazo, suficientemente competente na argumentação para criar as condições de um debate alargado, suficientemente *convicente* para incitar os professores a abandonar as rotinas e, enfim, suficientemente confiante na sua capacidade de gerir a complexidade para permitir a *desestabilização colectiva*<sup>1</sup> (itálicos nossos, excepto em *desestabilização colectiva*).

É claro que esta citação em epígrafe sintetiza uma ambição estratégica que pretendíamos para a escola e que poderia ser definida, em termos curriculares, a partir dos seguintes objectivos:

- Promover a literacia de todos os alunos, ensinando-os a ler fluente e criticamente qualquer texto e a escrever com correcção e clareza.
- Dominar o uso das TIC's para pesquisar, organizar, tratar e produzir informação.
- Privilegiar a qualidade do sucesso das aprendizagens.
- Desenvolver competências de convivência e de colaboração social.
- Intervir como cidadão livre, crítico e responsável na realidade natural e sociocultural do nosso tempo.

Essa epígrafe sintetiza ainda a importância dramática de a organização e gestão da escola estarem à altura desses desafios: pensar a escola a médio e longo prazo, definindo metas e finalidades educativas (que no nosso caso consistiam em promover o sucesso educativo e incrementar a qualidade desse sucesso; melhorar o nível de desempenho profissional dos diversos sectores; e estimular a relação entre a escola e a família); criar condições para tornar viáveis essas metas no curto prazo e no dia-a-dia; levar os professores a reflectirem criticamente acerca do seu trabalho, de modo a *pôr em questão os lugares-comuns* que contaminam e pervertem a discussão dos problemas, nomeadamente os problemas de aprendizagem dos alunos. Maria do Céu Roldão fala em *naturalização de processos culturais*<sup>2</sup>: reproduzimos modelos como se fosse o modo *natural* de ensinar, como se tivesse de ser assim.

Esta autora reconhece que há dimensões no *papel da escola* que só esta

(...) não há palavras para mostrar como chega a ser comovente o conhecimento que acabamos por ter dos alunos (...) pessoas que acabam por se rever, nem crianças, nem adolescentes, neste trabalho que lhes pedem (...)

pode desempenhar: proporcionar saberes de referência, incorporar curricularmente as culturas em presença, articular a informação com os modos e processos de a ela aceder, de a organizar e transferir, ou ensinar explicitamente estratégias cognitivas (e metacognitivas)<sup>3</sup>. Mas a mudança das práticas é muito difícil e não basta o reconhecimento desses papéis para a escola os proporcionar — em parte porque os professores desempenham funções que não tornam claro o seu papel de professor, porque não dominam todos aqueles saberes específicos necessários para a escola desempenhar o seu papel e porque, entre outras razões, não podem decidir completamente acerca do modo como desenvolvem o seu trabalho. Talvez por isso, no projecto da Gestão Flexível do Currículo do Ensino Básico, sejam pouco perceptíveis as mudanças nas práticas dos professores: de facto, não basta a escola gerir as horas de algumas disciplinas ou haver novas disciplinas ou áreas curriculares não-disciplinares para induzir novas práticas.

É neste contexto que, nesse ano lectivo, decorreram na escola duas oficinas de formação, sobre pedagogia diferenciada e sobre avaliação. Em ambos os casos procurando induzir novas práticas, incentivando o trabalho colaborativo e interdisciplinar, actualizando os conhecimentos teóricos e procurando diminuir a angústia do professor no momento de inovar. Na oficina de formação sobre avaliação, orientada por Aldina Lobo, um grupo de professores de várias disciplinas (Ciências Físico-Químicas, Francês, Geografia e História) decidiram investigar os portefólios como instrumento de avaliação, neste caso interdisciplinar.

Ao longo dos anos, tive necessidade de criar alguns instrumentos pedagógicos: para registar o trabalho diário dos alunos, para organizar um plano individual de trabalho (no qual eram registadas as dificuldades sentidas (numa tarefa, num exercício, num trabalho, num instrumento de avaliação) e indicadas as estratégias a adoptar e as tarefas que o aluno se comprometia a fazer num dado prazo de tempo para ultrapassar as referi-

das dificuldades); daí a conversa com os alunos — hoje penso que deveria assumir a forma de entrevista —, nomeadamente no início do ano lectivo, para debatermos a organização desejável do caderno diário e para discutirmos formas de estudarmos a(s) disciplina(s), em casa e na escola, uma vez que certos procedimentos adoptados no estudo têm reflexos no sucesso das aprendizagens e na própria organização do caderno — que pode ter várias secções, uma das quais para um glossário do vocabulário novo da disciplina.

Hoje discute-se se o aluno deve ou não ocupar um lugar central no sistema escolar. O ministro francês da educação, o filósofo Luc Ferry, chegou a referir-se a esta questão como um princípio *demagógico* inscrito por Lionel Jospin na lei de 1989<sup>4</sup>. A referida *demagogia* significa a adaptação da escola à diversidade do seu público, reduzindo as exigências da escola e a autoridade do professor. Infelizmente, posições como a de Luc Ferry são possíveis porque a escola não tem conseguido lutar (e ser eficaz) contra as desigualdades sociais, o que é corroborado por um grande número de professores<sup>5</sup>. E se em França isso se traduz na reforma que põe em causa o *collège unique*, em Portugal isso corresponde à vontade de o governo criar um primeiro ciclo do ensino secundário integrando *áreas vocacionais diversificadas* e permitindo a *inserção na vida activa*<sup>6</sup>. Nas palavras do sociólogo François Dubet (*Le Monde*, 3 de Maio de 2003), trata-se de voltar aos bons velhos métodos que funcionavam tão bem quando a escola acolhia apenas os filhos da burguesia.

Do meu ponto de vista, esta é uma questão mal colocada. Tendo a nossa administração educativa uma tão fraca tradição de avaliação, é possível sustentar uma mudança curricular e uma mudança de política educativa *com base em resultados da avaliação do sistema educativo*? Que resultados para o sistema educativo têm decorrido da avaliação aferida, por exemplo? Por que conjunto de razões não tem tido sucesso o ensino recorrente? Que avaliação se pode fazer da experiência da Gestão Flexível do

Currículo? Ou dos TEIP? Ou do programa Alfa? Ou do programa 15-18? Ou dos currículos alternativos? Por outras palavras, questionando simbolicamente a possibilidade académica de generalizar o estudo de casos, mas considerando que todos os casos de sucesso são sempre situações particulares que dependem de um certo contexto, onde confluem estratégias e dispositivos de desenvolvimento curricular, de gestão e organização das escolas, de gestão da formação e uma cultura de auto-avaliação que permita acompanhar e monitorizar toda a mudança, nesta perspectiva local e não sistémica, podemos dizer que a escola tem feito tudo o que é possível para promover e aumentar a qualidade do sucesso educativo, respeitando a singularidade (existencial, ontológica) de cada aluno? A minha escola estava longe de ter feito tudo o que é possível, e ainda está muito longe.

Mas é nesta perspectiva local que nos situamos. A mesma que permite dizer que mais do que o quadro legal e curricular, é a organização da escola, a gestão da formação e uma cultura de auto-avaliação que permita acompanhar e monitorizar toda a mudança que poderá fazer alguma diferença e generalizar alguma inovação. Sendo o aluno o centro de todo o processo educativo.

Esse papel dado ao aluno implica ter em conta o seu ritmo e o seu estilo de aprendizagem e obriga inevitavelmente a diferenciar as práticas, a adoptar, numa perspectiva metacognitiva, diferentes estratégias de activação e mobilização dos conhecimentos prévios dos alunos, promovendo a criação e sobretudo o desenvolvimento de um espírito crítico — uma vez que a cidadania também se constrói pela adequada análise e interpretação de textos e mensagens —, levando os alunos a apropriarem-se de diferentes técnicas para diferentes discursos (quer para a compreensão e expressão orais, quer para a leitura ou para a escrita), utilizando diferentes documentos, para lá dos manuais, seleccionando diferentes estratégias e situações de aprendizagem, produzindo materiais diversificados, criando rotinas e tarefas em cada

aula, propondo filmes e documentos autênticos, com recurso à internet e levando os alunos a utilizar a *web* para pesquisas pessoais, propondo gravações, com auto e heteroavaliação de algumas das características desses discursos, levando os alunos a saírem da escola, a partir de visitas de estudo. Estes exemplos de actividades decorrem do facto de as disciplinas serem línguas, mas facilmente imaginamos outras actividades, experiências e situações de aprendizagem com outras disciplinas.

De facto, nem o currículo se identifica com uma lista de disciplinas, nem o currículo de cada disciplina se reduz a uma lista de conteúdos e métodos a ensinar dentro das aulas, nem o currículo e a avaliação devem surgir divorciados. E os professores são os principais responsáveis pela gestão do currículo e pela sua re-interpretação face às necessidades e características dos alunos. Procurámos, por isso, que a avaliação tivesse um papel determinante neste tipo de trabalho, que seria *verdadeiramente regulado e assistido por ela*, dando um peso significativo à avaliação formativa. Pareceu-nos que a regulação da acção educativa com outros dispositivos que não os testes e a avaliação clássica poderia passar pela utilização de dispositivos tipicamente metacognitivos como as fichas de controlo de dificuldades, que correspondem a privilegiar-se a aprendizagem indutiva à dedutiva e a avaliação formativa à sumativa, ou pelo recurso à avaliação contínua, no nosso caso da oralidade, da escrita e da leitura, de acordo com as competências de compreensão, expressão e interacção, ou de acordo com outras competências no caso das outras disciplinas. Ou poderia passar pelos portefólios.

O carácter inovador de um portefólio e as vantagens deste instrumento de avaliação pareceu-nos adequado para assistir o trabalho de alunos com pequena autonomia de trabalho e (muitos deles também) com baixa auto-estima e pouca capacidade reflexiva. Existem vários tipos de portefólios, mas podemos dizer globalmente que se trata de uma colecção organizada e devidamente planeada de documentos e trabalhos produzidos,

por exemplo por um aluno, durante um certo tempo, permitindo apreciar e avaliar aspectos habitualmente não contemplados, desde os aspectos cognitivos ou metacognitivos aos aspectos pessoais e socioafectivos<sup>7</sup>.

O portefólio é organizado pelo professor e pelo aluno. No nosso caso, como o portefólio era interdisciplinar e individual, cada aluno organizava essa colecção de trabalhos de acordo com o combinado com esse grupo de quatro professores. Mas se um professor tiver várias turmas e, digamos, dezenas de alunos, e pretender implementar de forma exequível o portefólio com esses alunos todos, podemos imaginar um portefólio organizado não individualmente mas por um grupo de alunos, dois por exemplo.

Dizer que um portefólio é uma colecção organizada de trabalhos e documentos significa que estamos a pensar num certo tipo de portefólio: uma selecção, devidamente justificada, de trabalhos feitos pelo aluno ou que são o resultado de investigações acerca de tópicos que reflectem o que o currículo, a escola ou o professor põem em destaque. Desse ponto de vista, um portefólio é um instrumento de avaliação que permite desenvolver e avaliar, de forma complexa, competências que são também complexas. Desenvolver e avaliar de forma complexa porque é um testemunho do aluno e é, num certo sentido, uma parte do próprio aluno, que indica, como se fosse um filme, como ele cresceu cognitivamente e como pessoa, que indica o que ele aprendeu e como aprendeu e que indica o que ele privilegiou das aprendizagens realizadas. Um portefólio é, assim, um instrumento de avaliação dinâmico, em permanente evolução, e pode ser visto como um emblema de um *work in progress*, um trabalho que nunca cessa.

Há diversos tipos de portefólios que podem ser considerados. Num certo sentido, o portefólio que organizámos com os nossos alunos conjuga algumas das características que são também algumas das funções que um portefólio pode ter: *servir de apresentação* (para dar a conhecer e mostrar alguns dos melhores materiais elaborados pelo aluno), ser uma ferramenta

de *aprendizagem* (a selecção e as justificações apresentadas e a organização do dossiê testemunham o processo de aprendizagem, com os seus sucessos e dificuldades, as escolhas do aluno, os seus métodos de trabalho), ser uma ferramenta de *avaliação* (os critérios definidos e o seu peso relativo ajudam o aluno a avaliar a sua aprendizagem, a registar a informação e a monitorizar a sua evolução).

A execução de um portefólio pressupõe uma orientação e uma planificação, seguidas de avaliação. Criámos, para isso, uma ficha de orientação do trabalho a ser realizado pelos alunos e de avaliação dos portefólios, que eram individuais mas não eram específicos de nenhuma das disciplinas envolvidas (Ciências, Francês, Geografia e História), pois assumiam uma finalidade inter e transdisciplinar. Para isso, cada aluno recebeu a *Ficha Realização de um portefólio* (ver *Materiais para a Aula de Matemática*).

No entanto, verificámos, ao fim de algum tempo, que poucos alunos tinham organizado portefólios de uma forma satisfatória. A maior parte deles não tinha ainda apresentado nenhum trabalho ou tinha pouco mais do que os separadores. Concluimos que, sendo um instrumento de avaliação muito trabalhoso para os alunos, estávamos afinal a pressupor que os alunos tinham aquelas capacidades que o próprio portefólio era suposto desenvolver. Além disso, também não tinha havido suficiente coordenação do trabalho entre nós e a calendarização apresentada aos alunos não tinha sido suficientemente definida.

Neste contexto, decidimos introduzir uma nova ficha que permitia ajudar os alunos a gerir as actividades do portefólio, intitulada *Plano Individual de Actividades do Portefólio* (Ficha 1), especificando o que se propunham fazer e o que faziam efectivamente, num dado espaço de tempo (quinze dias ou um mês). Para fazerem a avaliação e tornar claros os respectivos critérios, criámos também uma ficha de avaliação do portefólio (Ficha 2).

Do que foi dito anteriormente, podemos destacar os seguintes aspectos:

- i. A aprendizagem centrada no aluno, o peso maior dado ao seu ritmo de

**ESCOLA SECUNDÁRIA BRAAMCAMP FREIRE**  
**PLANO INDIVIDUAL DAS ACTIVIDADES DO PORTEFÓLIO**  
 Quinzena de / / 200 até / / 200

Nome \_\_\_\_\_ °Ano Turma \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

ACTIVIDADES E DOCUMENTOS SELECIONADOS	O QUE ME PROPONHO FAZER		O QUE FIZ
	DOCUMENTOS SELECIONADOS	QUANTIDADE	QUANTIDADE
AUTO-APRESENTAÇÃO			
PALAVRAS NOVAS			
ASSUNTOS INTERESSANTES			
RECOLHA DE INFORMAÇÃO SOBRE	POLÍTICA		
	AMBIENTE		
	CIÊNCIA E TECNOLOGIA		
	CULTURA E ARTE		
	OUTROS		
TRABALHOS FEITOS EM CASA OU NAS AULAS			
EXPERIÊNCIAS REALIZADAS			
O MEU DESEMPENHO ENQUANTO ALUNO			
OUTROS ASSUNTOS			
JUSTIFICAÇÃO DOS MEUS DOCUMENTOS			
DATAÇÃO E INDICAÇÃO DA FONTE			
REFORMULAÇÃO DOS DOCUMENTOS			
		<b>TOTAL</b>	
<b>CUMPRI:</b> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Ultrapassei <input type="checkbox"/>	<b>Balanco:</b>  <b>Comentário:</b>		

Ficha 2

Figura 1. Plano individual das actividades do portefólio.

aprendizagem, a importância que tem o seu estilo de aprendizagem, tudo isto obriga inevitavelmente a diferenciar as práticas, a adoptar, numa perspectiva metacognitiva, diferentes estratégias de activação e mobilização dos conhecimentos prévios dos alunos, levando-os a apropriarem-se de diferentes técnicas para diferentes discursos, utilizando diferentes documentos, para lá dos manuais, seleccionando diferentes estratégias e situações de aprendizagem, produzindo materiais diversificados, etc. *Mas este caminho pressupõe que se conhece bem cada aluno e que estes se conhecem suficientemente bem para poderem gerir adequadamente o seu percurso de aprendizagem;*

ii. A avaliação tem um papel determinante neste tipo de trabalho, que é verdadeiramente regulado e assistido por ela, se de facto dermos um peso significativo à avaliação formativa. Parece-nos que a regulação da acção educativa com outros dispositivos que não os testes e a avaliação clássica passa pela utilização de dispositivos tipicamente metacognitivos; *mas passa também pela observação sistemática de aspectos não cognitivos, como a capacidade de organização do aluno, a sua perseverança, a sua capacidade reflexiva, o grau de aperfeiçoamento associado ao trabalho que realiza;*

iii. A condição de professor deve tornar-nos abertos à inovação

sempre no sentido de reforçar a qualidade da educação e do próprio ensino. No entanto, parece-nos que a prática só é verdadeiramente inovadora se isso corresponder a uma certa maneira de trabalhar. *Neste sentido de inovação, pareceu-nos que o portefólio poderia desempenhar um papel particularmente importante.*

Estas observações devem ser lidas a partir de algumas reflexões sobre o material proposto, lido nas suas limitações e vantagens. Quando decidimos implementar o Plano Individual de Actividades do Portefólio, tínhamos concluído que só alguns alunos tinham entregado o portefólio e que havia um grande afastamento entre os resultados previstos e os resultados obtidos. De facto, verificámos que:

- i. Nem todos os alunos entregaram os portefólios na data acordada;
- ii. Houve um grande afastamento entre os resultados que prevíamos e o que encontrámos nos portefólios entregues;
- iii. A maior parte dos alunos seguiu as nossas indicações e sugestões de estrutura, mas os portefólios revelaram:
  - Fraca organização;
  - Pouca pesquisa e reflexão;
  - Poucos documentos justificados, datados e com indicação de fonte;
  - Demasiados documentos reunidos em *outros assuntos* e não nos temas que tínhamos sugerido;
- iv. Alguns dos problemas detectados eram os seguintes:
  - Separadores sem identificação ou sem relação com o índice e pouco claros para quem lê;
  - Dificuldade de integrar os documentos de acordo com os itens do índice;
  - Justificações das escolhas feitas distantes dos documentos e sem relação com eles;
  - Vários documentos dentro de uma única mica;
  - Pouca pertinência dos documentos introduzidos em *outros assuntos*, onde abundam as anedotas;
  - Grande escassez de documen-

ESCOLA SECUNDÁRIA BRAAMCAMP FREIRE								
FICHA DE AVALIAÇÃO DO PORTEFÓLIO								
Aluno		N.º	Turma	Ano				
%	CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO		MOMENTOS DE AVALIAÇÃO <sup>(1)</sup>					
			Aluno	Prof.	Aluno	Prof.	Aluno	Prof.
			...../200..	...../200..	...../200..	...../200..	...../200..	...../200..
10	APRESENTAÇÃO	Aspecto gráfico						
		Caligrafia legível						
		Margens suficientes						
		Imagens adequadas						
		Apresenta trabalhos limpos						
		Utiliza as TICs						
15	ORGANIZAÇÃO	Tem índice						
		Tem separadores						
		Identifica os separadores						
		Respeita a sequência dada						
		É fácil de consultar por outros						
15	CRIATIVIDADE	É imaginativo na apresentação						
		Tem trabalhos originais <sup>(2)</sup>						
		Utiliza ilustrações diversas						
15	CORRECÇÃO LINGÜÍSTICA	Organiza correctamente o discurso						
		Utiliza vocabulário adequado						
		Escreve sem erros						
15	JUSTIFICAÇÃO DOS DOCUMENTOS	Justifica adequadamente a escolha dos documentos seleccionados						
		Todos os documentos têm data e indicam a fonte						
		Realiza as tarefas a que se propõe						
10	RESPONSABILIDADE	Cumprir os prazos						
		Aceita e cumpre as regras de trabalho						
		Revela empenho						
10	PERSEVERANÇA	Procura superar as dificuldades						
		Leva a s tarefas até ao fim						
		Propõe tarefas por sua iniciativa						
10	AUTONOMIA	Executa bem as tarefas sem ajuda						
		Coloca questões						
		<b>TOTAL</b>						
100 %								

(1) Classificação a utilizar: **MB** - Muito Bom; **B** - Bom; **S** - Suficiente; **I** - Insuficiente  
(2) Originais significa que *não* são cópias ou transcrições.

OBSERVAÇÕES					
...../200..	...../200..	...../200..	...../200..	...../200..	...../200..

Ficha 3

Figura 2. Ficha de avaliação do portefólio.

tos em *recolha de informação dos meios de comunicação social*;

- Pouco recurso às TIC;
- Algumas apresentações pouco cuidadas;
- Poucos trabalhos originais;
- Poucas ilustrações;
- Pouca imaginação na apresentação;
- Muitos erros de ortografia e de sintaxe;
- Vocabulário pouco variado;
- Fraco empenho em levar as tarefas até ao fim;
- Fraca autonomia e responsabilidade.

Os portefólios mostraram que alguns dos problemas detectados se mantiveram durante algum tempo: ainda havia separadores sem identificação ou sem relação com o índice, ainda havia muitos documentos não justificados nem datados, ou pouca pertinência nos documentos seleccionados, pouco recurso às TIC, poucas ilustrações, pouca imaginação. Ainda havia alunos que não construíam o *seu portefólio*.

Se este era o quadro da generalidade dos alunos, alguns meses depois de iniciado o trabalho, no final do ano era o que acontecia apenas com uma minoria, que não entregou a *versão final* do portefólio e não fez quase nada. A maior parte dos alunos mostrou um progresso interessante: é

verdade que a organização do portefólio precisava ainda de ser melhorada, nomeadamente entre o índice e os separadores, mas eram já generalizadas as justificações das escolhas feitas, embora ainda um pouco ingénuas ou estereotipadas. Também já se verificava que a legibilidade da generalidade dos portefólios era muito aceitável, com um recurso satisfatório às TIC, com algum cuidado na apresentação, algumas ilustrações, *um empenho em levar as tarefas até ao fim*.

Um ano depois, os portefólios foram também organizados de modo diferente, porque passaram a ser monodisciplinares. A razão desse facto tem a ver com a alteração da composição do conselho de turma e com o enorme trabalho que o portefólio acarreta, pese embora as suas inúmeras vantagens. Preparei a sua organização, este ano, a partir da adaptação das fichas anteriormente apresentadas: em Francês, no 8º ano, com os alunos que já haviam iniciado este trabalho no ano anterior, e iniciando esse trabalho com os alunos de Português do 11º, programa de letras.

Do ponto de vista de um balanço global, a apreciação que posso fazer é claramente satisfatória e o trabalho efectuado (em equipa e individualmente) mostra que a aposta neste instrumento de avaliação foi uma boa ideia. É verdade que o trabalho precisa de ser retomado permanentemente e há mesmo vantagem em pensarmos o portefólio como um instrumento de avaliação numa lógica de ciclo. É verdade também que alargar o trabalho de quatro ou cinco professores a uma escola exige um *grande* esforço para poder ser generalizado a outros alunos e outros conselhos de turma, inclusive do Secundário. A epígrafe citada no início deste texto evocava precisamente isso. É verdade que o portefólio é um instrumento de avaliação trabalhoso, não só para o aluno como também para os professores, se mantivermos (como parece preferível) o Plano Individual de Actividades do Portefólio e a sua avaliação periódica — mesmo que seja mensal e não quinzenal. É verdade que os critérios de avaliação podem ser retomados e melhorados, mas revelaram-se

compreensíveis pelos alunos. É verdade também que a estrutura interna dos portefólios pode ser repensada e alterada — as evidências de aprendizagem a incluir dependerão obviamente do currículo e portanto da(s) disciplina(s) envolvida(s).

Sintetizando as vantagens, desvantagens e os cuidados a ter na elaboração dos portefólios, podemos referir *por exemplo* o seguinte:

#### Vantagens

- Permitem partilhar a responsabilidade da sua elaboração entre o professor e o aluno
- Permitem incluir *evidências de aprendizagem* de natureza diversa (trabalhos, investigações, textos pessoais, ...), para lá dos conhecimentos adquiridos
- Permitem ter uma visão global e pormenorizada do aluno e do seu trabalho
- Permitem conhecer melhor a evolução do aluno e o seu estilo de aprendizagem
- Fornecem um registo permanente e a longo prazo dessa evolução
- Estimulam a reflexão do aluno acerca da sua aprendizagem
- Permitem desenvolver o sentido de responsabilidade e de autonomia
- Permitem que o aluno tenha um papel activo na aprendizagem e na avaliação
- Reforçam as técnicas de organização e de estudo
- Reforçam a auto-estima do aluno
- Permitem aos encarregados de educação conhecerem melhor o desenvolvimento dos alunos

#### Desvantagens

- Exigem muito trabalho ao professor e aos alunos
- Têm uma implementação demorada
- Obrigam à existência de espaços para guardar inúmeros instrumentos *volumosos* (a menos que se opte por *wcbfólios*)

#### Cuidados a ter

- Devem ser diversificados e abranger todas as áreas do programa
- Devem exhibir processos e produtos
- Devem prever a selecção de materiais e a sua justificação e datação

- Devem envolver os alunos na selecção dos documentos, na sua revisão, análise e reflexão
- Devem revelar o progresso conseguido ao longo do tempo
- Devem revelar aprendizagens relevantes e dificuldades de aprendizagem
- Devem incluir tópicos e documentos importantes para os alunos
- Devem definir cuidadosamente e de forma clara para os alunos os critérios de avaliação

Tudo isto é verdade. No entanto, não há palavras para mostrar como chega a ser comvente o conhecimento que acabamos por ter dos alunos, que subitamente nos surgem numa dimensão inesperada de pessoas e não apenas de discentes. Pessoas que falam das suas famílias, dos seus animais, dos clubes preferidos, das disciplinas de que gostam mais, pessoas que vão descobrir na imprensa, por exemplo, temas que lhes interessam e que acabam por passar ao lado do trabalho feito na sala de aula, pessoas que acabam por se rever, nem crianças, nem adolescentes, neste trabalho que lhes pedem e onde gostam de mostrar coisas que tinham feito ou que foram fazer expressamente para este objectivo.

Trata-se, afinal, de fazer circular do modo mais significativo os trabalhos dos alunos. Trata-se de fazer circular

o seu nome, um nome que fala do seu passado e do seu futuro e que é ao mesmo tempo uma parte de si próprio. Uma parte luminosa de si próprio que ascende e brilha numa voz enfim mais completa. Um lugar reservado para a voz do aluno.

#### Notas

- 1 Gather Thurler, Monica (2001). "Le projet d'établissement comme moyen de traduire les croyances en pratiques". In Leclercq, J.-M. (dir.). *Politiques d'éducation et de formation. Analyses et comparaisons internationales*. Bruxelles: De Boeck Université.
- 2 In *Gestão Curricular — Fundamentos e Práticas*. Lisboa: DEB/ME, 1999.
- 3 Id., ibid.
- 4 Cf. o jornal *Le Monde*, de 3 de Maio de 2003.
- 5 Apenas 10% dos professores admitem que a escola possa corrigir em grande parte ou completamente as desigualdades sociais, segundo o inquérito Eduscope, citado pelo jornal *Le Monde*, de 19 de Novembro de 2002.
- 6 Cf. artigo 16º, alínea a) dos pontos 1 e 3 da proposta de Lei de Bases da Educação.
- 7 Cf., por exemplo, Valadares, Jorge e Graça, Margarida (1998). *Avaliando ... para melhorar a aprendizagem*. Lisboa: Plátano, pp. 94-97.

João Pedro Aido  
Professor de Português e Francês  
Escola Secundária Braamcamp Freire



#### Materiais para a aula de Matemática

## Realização de um portefólio

Esta ficha foi criada para *orientação do trabalho a ser realizado pelos alunos e de avaliação dos portefólios*, no âmbito da experiência descrita no artigo *Portefólios: uma luz na sombra da voz*.

Pareceu-nos que, tal como está ou com pequenos ajustamentos decorrentes das disciplinas em causa, pode ser um contributo interessante para quem estiver disposto a experimentar o uso de portefólios com os seus alunos.

A redacção